

Ginásio Experimental Olímpico: (re)pensando o papel do esporte na escola¹

Alex Lauriano da Costa¹, Marcelo Paula de Melo²

¹ Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. (UNIRIO).

2. Graduado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E Doutor em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (UFRJ). Professor da Escola de Educação Física e Desportos e do PPGE da UFRJ.

Correspondência para: prof.alexcosta@hotmail.com

Submetido em 09 de julho de 2024

Primeira decisão editorial em 10 agosto de 2024.

Segunda decisão editorial em 20 de agosto de 2024.

Aceito em 30 de agosto de 2024.

RESUMO: O presente estudo investiga o Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico (GEO), entre 2010 a 2016, tendo como objetivo compreender como acontece a ampliação do tempo escolar e o papel do esporte nesse programa experimental. Os GEOs são escolas de tempo integral voltadas para o esporte que fazem parte do programa de ginásios experimentais vocacionados iniciados em 2012. A justificativa utilizada para ampliação da jornada escolar para o tempo integral nos GEOs é oportunizar a participação dos alunos em uma escola em tempo integral que utilize o esporte como principal ferramenta de ampliação do tempo. Metodologicamente, os dados coletados ao longo deste estudo foram baseados em pesquisa bibliográfica e documental. A partir das análises, concluímos que o programa não visa uma vivência corporal esportiva mais ampla, utiliza o esporte na escola com o objetivo de descobrir talentos esportivos, delegando funções que não deveriam ser da escola.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo Integral; Esporte na escola; Ginásio Experimental Olímpico

¹ Pesquisa realizada com apoio do CNPQ

Experimental Olympic Gymnasium: (re)thinking the role of sport in school

ABSTRACT: The present study investigates the Olympic and Paralympic Experimental Gymnasium (GEO), between 2010 and 2016, aiming to understand how the expansion of school time happens and the role of sport in this experimental program. GEOs are full-time sports-oriented schools that are part of the dedicated experimental gymnasium program started in 2012. The justification used for expanding the school day to full-time in GEOs is to provide opportunities for students to participate in a full-time school that uses sport as the main tool for expanding time. Methodologically, the data collected throughout this study were based on bibliographic and documentary research. From the analyses, we concluded that the program does not aim at a broader sporting experience, it uses sport at school with the aim of discovering sporting talents, delegating functions that should not belong to the school.

KEYWORDS: Full time Scholl; Sports in the scholl; Experimental Olympic Gymnasium

Gimnasio olímpico experimental: (re)pensar el papel del deporte en la escuela

RESUMEN: El presente estudio investiga el Gimnasio Experimental Olímpico y Paralímpico (GEO), entre 2010 y 2016, con el objetivo de comprender cómo ocurre la ampliación del tiempo escolar y el papel del deporte en este programa experimental. Las GEO son escuelas de tiempo completo orientadas a los deportes que forman parte del programa de gimnasio experimental dedicado que comenzó en 2012. La justificación utilizada para ampliar la jornada escolar a tiempo completo en las GEO es brindar oportunidades para que los estudiantes participen en una escuela de tiempo completo. que utiliza el deporte como principal herramienta para ampliar el tiempo. Metodológicamente, los datos recogidos a lo largo de este estudio se basaron en una investigación bibliográfica y documental. De los análisis, concluimos que el programa no apunta a una experiencia deportiva más amplia, sino que utiliza el deporte en la escuela con el objetivo de descubrir talentos deportivos, delegando funciones que no deberían pertenecer a la escuela.

PALABRAS CLAVE: Tiempo integral; Deporte en la escuela; Gimnasio Olímpico Experimental

INTRODUÇÃO

Os Ginásios Experimentais têm feito parte de uma política de ampliação do tempo escolar no município do Rio de Janeiro. O programa, criado através de Decreto 32.672\2010, ganha força naquela conjuntura especialmente porque o Brasil sediou a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e as Olimpíadas em 2016. Além disso, no campo educacional, o debate da escola em tempo integral estava em voga.

No contexto de implantação de programas e projetos de educação em tempo integral, foram criados, no ano de 2010, sob a gestão do prefeito do município do Rio de Janeiro, Eduardo Paes², os Ginásios Experimentais. A esse programa, foram adicionados os ginásios

² Eduardo Paes (PSD), atual Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro (2021-2024), foi eleito pelo PMDB, eleito duas vezes (2008 e 2012), realizando o programa ainda no primeiro mandato (2009-2012).

vocacionais: o Ginásio de Artes e, a partir de 2012, o Ginásio Experimental Olímpico e Paraolímpico, também conhecido como GEO. Conforme consta no decreto nº 32.672, de 18 de Agosto de 2010 (Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, 2010) trata-se de “(...) Definir vocações específicas para os ginásios experimentais, como esportes ou artes, selecionando, se for o caso, talentos da rede, em cada caso.”

O GEO é uma ramificação de um projeto de maior amplitude – o dos Ginásios Experimentais que inicialmente contavam com 28 escolas divididas em Ginásio Experimental Carioca e Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico e, mais recentemente, a criação do Ginásio Experimental Tecnológico, em 2022. Essa proposta é dirigida ao segundo segmento do Ensino Fundamental e tem por finalidade a ampliação da jornada escolar, inserindo os esportes olímpicos em sua grade curricular.

A concepção do Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico baseia-se na iniciação esportiva para jovens, existente em países³ como Estados Unidos, Austrália, Canadá e China, em que a seleção está condicionada ao fato de os discentes “serem aptos” em qualquer modalidade esportiva oferecida pela instituição escolar. A ampliação da jornada escolar para o tempo integral no GEO foi justificada com o argumento de “dar oportunidade aos alunos com aptidões esportivas desenvolverem seu potencial, sem abrir mão de uma educação de excelência”⁴.

Partindo desse contexto, esta pesquisa tem como objeto de estudo o Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico e buscamos compreender como a escola de tempo integral voltada para o esporte se utiliza do mesmo. Nosso estudo está limitado ao período 2010 a 2016. Isso se deve ao contexto em que o Brasil vivenciou conjunto de grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.

Um mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil⁵ aponta que 65% das experiências de ampliação do tempo integral nas escolas vêm seguida do aumento da oferta de modalidades esportivas, seja na proposta de turno único ou no contraturno. É necessário ressaltar que muitos programas e projetos na educação básica pública apresentam como característica marcante a criação da jornada integral (Cavaliere, 2007).

³ Nesses países, a seleção dos alunos foi feita pela internet, em um questionário em que os candidatos respondiam se participavam de competições oficiais (federados); ou se já tinham participado de algum tipo de competição. Também indicavam o esporte de sua preferência e outros dois que desejavam aprender ou treinar.

⁴ Disponível em: <http://www.cidadeolimpica.com.br/projetos/ginasio-experimental-olimpico/>. Acesso em: março de 2014.

⁵ Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral: concepções e práticas na educação brasileira: Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil. Brasília MEC, 2009.

No entanto, as experiências de escolas em tempo integral que foram implantadas no Brasil, em momentos diversos, resguardadas diferenças na conjuntura econômica, social e educacional, em grande parte foram pensadas no sentido de suprir uma carência educacional das camadas populares. Indo ao encontro dessa perspectiva, Cavaliere (2009) avalia que “a escola fundamental brasileira, especialmente aquela voltada para as classes populares, sempre foi uma escola minimalista, isto é, de poucas horas diárias, pouco espaço e poucos profissionais” (p.51).

A partir do exposto, o estudo parte das seguintes problemáticas: (1) Por que a ampliação da jornada escolar para o tempo integral é acompanhada da inserção do esporte? (2) Por que, no GEO, o esporte de alto rendimento evidencia-se como uma possibilidade de qualificar a educação?

Temos, portanto, como objetivo deste trabalho compreender a concepção do esporte no programa Ginásio Experimental na sua vertente olímpica. Quanto aos aspectos metodológicos, adotamos as pesquisas bibliográfica e documental. No tocante à pesquisa documental, exploramos o *site* da Prefeitura e os documentos publicados no diário oficial que institucionalizaram a criação do Ginásio Experimental Olímpico e Paralímpico no período entre 2010 e 2016, visando analisá-los à luz do momento em que foram criados, neles procurando evidências das concepções de esporte.

O esporte é um fenômeno social complexo e pode ser analisado sob diversas perspectivas. Uma referência para este trabalho encontra-se nas contribuições de Bracht (1997;1999) que, há mais de três décadas, vem se dedicando a discutir questões atinentes a essa temática. A visão que tomamos, neste estudo, fundamenta-se em uma construção sociológica e histórica, no sentido de compreender as condições em que se expressa o esporte e quais condicionantes engendram a sua forma atual.

GINÁSIO EXPERIMENTAL OLÍMPICO E PARALÍMPICO EM TEMPO DE GRANDES EVENTOS

O diagnóstico da escola pública atual não é animador em muitos aspectos. Diante dos muitos desafios a serem superados, percebemos uma tendência para a ampliação do tempo do aluno na escola que não garante, necessariamente, condições para afirmarmos que essa ampliação constitui uma formação integral.

Cavaliere (2007), nessa perspectiva, nos apresenta duas reflexões que ajudam bastante no entendimento dessa relação entre tempo, escola e formação integral. A autora identifica quatro concepções de escola de tempo integral, modelos que estão afinados com o

desenvolvimento socioeconômico do Brasil: (i) a de cunho *assistencialista*, para os desprivilegiados, que terão na educação a oportunidade de melhorar de vida; (ii) a *autoritária*, que visa atender aqueles que esse encontram em situação vulnerável, no sentido de prevenir a violência; (iii) a *multissetorial*, em que a ampliação do tempo pode, preferencialmente, ocorrer fora da escola, por meio de parcerias com organizações não-governamentais, entidades públicas e privadas e (iv) a *democrática*, das vivências mais participativas, com vistas a desenvolver o sujeito visando a sua emancipação.

Cavaliere discute as possibilidades de ampliação do tempo, que vem se expressando em duas dimensões distintas: a da *escola de tempo integral* e a de *aluno em tempo integral*. Define-as assim a autora:

No primeiro, a ênfase estaria no fortalecimento da unidade escolar, com mudanças em seu interior pela atribuição de novas tarefas, mais equipamentos e profissionais com formação diversificada, pretendendo propiciar a alunos e professores uma vivência institucional de outra ordem. No segundo, a ênfase estaria na oferta de atividades diversificadas aos alunos no turno alternativo ao da escola, fruto da articulação com instituições multissetoriais, utilizando espaços e agentes que não os da própria escola, pretendendo propiciar experiências múltiplas e não padronizadas (Cavaliere, 2009, p. 53).

Dentre os programas, projetos e experiências que vêm buscando o trabalho escolar em tempo integral lançados nos últimos anos no Brasil, nas três esferas do governo, tem se privilegiado o modelo de escola definido pela autora como assistencialista e multissetorial, trabalhando na perspectiva de *aluno em tempo integral*.

Definimos essa concepção como contemporânea, visto que ela traz, à escola, outras funções que não aquelas específicas de sua natureza. Entre elas, destacamos a de proteção integral do indivíduo vulnerável em que prevalece a ideia de a educação ser capaz de resolver – ou minorar - o problema da pobreza.

Para Algebaile (2009) essas são novas tarefas que a escola assume e afirma que o que parece ser ampliação nessa instituição, por vezes é um esvaziamento do trato educacional. Para a autora:

[...] o tipo de expansão que resultou da intensa utilização da escola para fins não propriamente “educacionais” pareceu-me possível de ser indicado pelo termo “robustecimento”. Em princípio, o termo não parece de todo adequado, tendo vista a possibilidade de sua identificação com ampliações que representariam melhoramentos. Daí a necessidade de precisar que a ideia de robustecimento, nesse caso, busca indicar, principalmente, uma modificação estrutural da escola que consiste numa *ampliação de sua esfera de atuação* sem que a isso corresponda uma

ampliação concreta de uma atuação “eficiente” sobre os novos campos e temas que passam a migrar para a escola (Algebaile, 2009, p. 329).

Nesse contexto, o “robustecimento” de que a autora fala não é no sentido de melhorias efetivas para o avanço da qualidade das escolas e, sim, de mais tarefas para essa instituição, em detrimento do tempo, do espaço e dos recursos que deveriam estar a serviço do conhecimento. Essa perspectiva é que nos leva a pensar a ampliação da responsabilidade da escola e porque, dentro dessas novas tarefas, nos preocupa o fato da escola assumir a tarefa de formar atletas. A oferta de treinamentos sistemáticos, com diversas sessões semanais com grupos restritos de estudantes selecionados, choca-se com papel político pensado para escola em nosso tempo.

A criação dos Ginásios Experimentais teve como balizador os “estudos realizados a partir do resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica de 2009” (Decreto nº32.672/2010). Nesse Decreto não foram explicitados quais dados desse estudo são utilizados, não nos possibilitando, assim, uma compreensão mais aprofundada dos mesmos, ou seja, se são dados considerados positivos, negativos, ou de qualquer outra natureza que justifiquem a criação desses ginásios.

Em 2010, o programa dos Ginásios Experimentais teve um começo tímido, inserindo-se apenas em 10 escolas da rede. Já em 2015, atendia cerca de 25 mil alunos em 25 escolas no universo de mais de 1500 escolas municipais existentes no Rio de Janeiro. Em 2022, nos 11 Ginásios Experimentais Olímpicos existentes na capital fluminense, havia mais de cinco mil alunos matriculados: Santa Cruz (duas unidades), Pedra de Guaratiba (duas unidades), Santa Teresa, Benfica, Caju, Realengo, Pitangueiras, São Cristóvão e Senador Camará. Desconhecemos o critério adotado para selecionar essas escolas do programa, mas elas têm em comum estarem localizadas em áreas mais pobres da cidade.

Amparadas pelas possibilidade de utilização de outros equipamentos públicos, duas unidades dos GEOs fazem uso de instalações auxiliares, tal como consta no Decreto de março de 2012. O 2º parágrafo do artigo 6º indica que – “Núcleo Específico - aproveitar aspectos da infraestrutura local, como integração com outros equipamentos públicos ou da sociedade civil, que possam servir de espaços adicionais de aprendizagem para os jovens”. (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2012).

Na elaboração do programa, buscando justificar a implementação desse modelo de escola, a Secretaria de Educação fez um balanço da educação pública no Rio de Janeiro. Nele,

encontramos o histórico negativo da qualidade educacional oferecida pelo Estado e, também, pelo município do Rio de Janeiro.

Como afirmado no decreto 32.672\2010 (Prefeitura do Rio de Janeiro 2010), buscar-se-ia “oferecer uma educação de qualidade, inclusive para resgate de uma dívida social por todos nós reconhecida, é um dos deveres mais relevantes da Prefeitura para com o futuro das gerações que estão se sucedendo”.

Como consta no art.2.º, do Decreto 35.261\2012 que cria os GEOs, o programa “tem como objetivo proporcionar aos adolescentes, de acordo com seu perfil e interesse, uma escola de excelência acadêmica voltada para a descoberta e desenvolvimento da aptidão esportiva dos alunos” (Prefeitura do Rio de Janeiro 2012).

Partindo do pressuposto de “integrar o desenvolvimento acadêmico e esportivo formando talentos na vida e no esporte”, cada GEO traçou como tarefa a “descoberta e desenvolvimento de talentos esportivos e paraesportivos na Rede Pública do Sistema Municipal de Ensino na Cidade do Rio de Janeiro” (Prefeitura do Rio de Janeiro 2012).

Ao traçar essa política, a própria Secretaria de Educação do município do Rio de Janeiro se responsabilizou por buscar esses “talentos” dentro das escolas e, nesse caso, o GEO seria a instituição escolar que teria como função produzir atletas, ou como eles chamam, “alunos-atletas-cidadãos” (Prefeitura do Rio de Janeiro 2012). A recorrência de que a escola atue sistematicamente como base do esporte de rendimento é consagrada nesse modelo.

Para ingressar no GEO o aluno precisa realizar um teste de habilidade esportiva como consta na cartilha de matrícula (Prefeitura do Rio de Janeiro, 2012). O aluno que possui destreza/habilidade em algum esporte oferecido pelo GEO poderá ingressar no programa, almejando ser selecionado como um “talento”; já o aluno considerado “não apto” é direcionado para outra escola da rede municipal que não pertença ao programa. Essa forma de ingresso fere diretamente um princípio que consta no artigo 3, parágrafo I da (LDB) que diz: “Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”. (Brasil;1996).

Ao assumir tal condição, a Secretaria fere os preceitos democráticos de entrada na escola, pois a condição para escolha do aluno é feita por um atributo estritamente subjetivo, pessoal e meritocrático, que vai depender da vivência desse sujeito, desconsiderando alguns elementos como o seu possível desenvolvimento ou aprimoramento por meio do programa, além de fragilizar o caráter público de aceitar todo e qualquer indivíduo, sem qualquer distinção.

Segundo o Censo Escolar 2023, 26,4% das escolas públicas não possuem quadras esportivas e 23,8% das que possuem a quadra, não possuem cobertura. Além disso, outros problemas de infraestrutura, como falta de ar-condicionado nas salas de aula, deixando o espaço insalubre para os alunos. Vale ressaltar que as escolas que fazem parte do GEO possuem espaço físico refrigerado, adequado à prática de esportes – quadra, piscina, campo, pista de atletismo e até academia de ginástica. Realidade bem diferente de grande parte da escola pública. Podemos dizer que essas escolas servem como vitrine da prefeitura, tendo estrutura física e recursos muito superiores ao restante das escolas públicas. Trata-se de um modelo que faz questão de ter não nenhuma pretensão universalizante. De antemão assume-se como escola pública para poucos, sendo até confusa a construção da redação. Como ser pública se é para poucos, de antemão?

A Secretaria Municipal de Educação afirmava haver:

a necessidade de promover os princípios e os valores fundamentais do Olimpismo e Paralimpismo⁶, o desenvolvimento do movimento Olímpico e Paralímpico, bem como os méritos esportivos e paraesportivos do grande festival internacional da juventude constituído pelos Jogos” (Prefeitura do Rio de Janeiro 2012).

Essa passagem nos permite inferir que um dos fatores que impulsionou a criação desse programa educacional voltado para o esporte foi a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo de Futebol, ocorrido em 2014, além de ser organizador das Olimpíadas de 2016, evento realizado no município do Rio de Janeiro. Em diversos momentos, foram feitas ações de marketing com referência aos megaeventos que aconteceram no país, com a presença de atletas e autoridades nas escolas do GEO.

A vinculação do programa educacional voltado para o esporte em um momento de realização dos megaeventos esportivos no Brasil não foi por acaso. Para Borin (2017, p. 88):

O esporte, com predominância do futebol, entra nesta dinâmica como um elemento mediador que intensifica os discursos ideológicos da burguesia, catalisando desejos e valores na direção dos seus interesses de classe, operando inversões da realidade, desenvolvendo processos de fetichizações e, com tudo isso, promovendo a alienação das massas. Este papel do esporte tem seu valor potencializado quando este se torna esporte espetáculo, com os megaeventos esportivos.

Existe uma trama nessa relação que ideologicamente buscou-se o consenso da população em relação a realização dos jogos no Brasil, ao mesmo tempo que o GEO servia

⁶ Amizade, coragem, determinação, excelência, igualdade, inspiração e respeito.

como propagador dos jogos, se tornava o símbolo do “legado” que os jogos prometiam trazer, como melhoria na infraestrutura das cidades e serviços estatais como saúde e educação.

A relação dos jogos com o programa se constitui em várias ações. A título de exemplo, na entrada do GEO Juan Antônio Saramanch, em Santa Teresa, existe um painel em que são destacadas as visitas de atletas e ex- atletas às escolas. A Apresentação oficial dos mascotes⁷ das Olimpíadas/2016 aconteceram também nesse espaço, sempre estabelecendo uma relação dos megaeventos esportivos com o GEO.

O termo – aluno-atleta-cidadão – foi definido pelo Programa como aquele sujeito “[...] que desenvolve seus conhecimentos acadêmicos, esportivos e sociais, através de um olhar crítico e da busca por tornar possíveis os ideais de uma sociedade mais justa e solidária” (Prefeitura do Rio de Janeiro 2012).

Podemos notar que essa visão busca introduzir o esporte na formação do cidadão, fazendo uma relação das regras esportivas com as regras da sociedade. Dessa forma, percebemos que o importante é combinar vivências esportivas com elementos da formação educacional. Isso, então, definiria o aluno-atleta-cidadão, de acordo com o GEO.

Curioso que esse debate, mesmo estando presente no campo da Educação Física ao menos desde anos 1980 (Bracht, 1997, Coletivo de autores, 1992, Melo 2005), não consegue deixar de figurar em programas governamentais e/ou empresariais de esportes e lazer às classes populares. Uma suposta relação de causa e efeito entre a vivência esportiva e/ou de lazer com uma suposta formação cidadã.

Sobre a educação física, esporte e valores, Bracht afirma:

Parece-me que, numa perspectiva bem genérica, o esporte de rendimento enquanto elemento da educação física foi colocado sob suspeita a partir das teorias da reprodução, desenvolvidas no âmbito da sociologia da educação e que enfatizam o papel conservador do sistema educacional nas sociedades capitalistas. A educação física, ao fazer do esporte de rendimento seu objeto de ensino e mesmo abrindo o espaço escolar para o desenvolvimento dessa forma de realizar o esporte, acabava por fomentar um tipo de educação que colaborava para que os indivíduos introjetassem valores, normas de comportamento conforme e não questionadores do sistema societal (1999, p. 13).

Quanto ao aspecto que cria uma relação entre disciplina e o esporte, parece que ainda vivemos o entendimento que a Educação Física é a disciplinadora de corpos, visão bastante ligada ao militarismo, ao eugenismo. Esses comportamentos são expressões que não partem diretamente do esporte, mas o permeiam; por isso, pode ser uma interessante ferramenta para

⁷ <https://oglobo.globo.com/esportes/mascotes-olimpico-paralimpico-sao-apresentados-oficialmente-no-rio-14645842> . Acessado em dez 2015.

refletir sobre as formas, os sentidos que dão origem às práticas corporais esportivas. Assim, o movimento da educação física compreendido como progressista, construiu inúmeras críticas sobre a esportivização da educação física no ambiente escolar.

Nesse caso, é ainda mais preocupante, pois como dissemos acima, os estudantes são selecionados a partir de uma seletiva que determina a partir da sua habilidade esportiva para poder ingressar no GEO. Os selecionados farão parte do *time* “aluno, atleta, cidadão” de alguma unidade que ofereça a modalidade pretendida.

A prática esportiva no programa trabalha na perspectiva do que é denominado como Desenvolvimento Esportivo de Longo Prazo (DELP), que consiste na possibilidade dos alunos vivenciarem outras modalidades esportivas, além daquelas em que foram selecionados. Essa possibilidade vai variar de acordo com a série em que o aluno se encontra. A distribuição das modalidades esportivas⁸ regulares, por série, é apresentada a seguir:

6º ano: Os alunos experimentam diferentes modalidades e escolhem uma para praticar três vezes na semana. Nos outros dias, podem praticar qualquer modalidade.

7º e 8º anos: Os alunos praticam quatro vezes na semana a modalidade de sua aptidão. Possuem um dia para praticar a modalidade de livre escolha.

9º ano: Os alunos praticam sua modalidade de aptidão nos cinco dias da semana (Cidade Olímpica: 2014).

O ingresso nos GEOs se dá normalmente a partir do 6º ano, que conta com o maior número de vagas disponíveis, mas é possível ingressar em outros anos de escolaridade. Por ser uma escola de tempo integral, não são todos os alunos que se adaptam a essa ampliação de jornada, o que ocasiona a abertura de vagas nesses outros anos.

O funcionamento das escolas experimentais com a vertente olímpica acontece das 7h às 17h, divididas em 9 tempos de 50 minutos, com 5 refeições em horários intercalados. O GEO trabalha com o esporte para além das aulas regulares de educação física, estabelecendo um tempo de maneira diferente das demais escolas da rede, a saber: 10 horas semanais de treino esportivo, 2 horas de educação física e 5 horas de inglês.

⁸ Disponível em: <<http://www.cidadeolimpica.com.br/projetos/ginasioexperimental-olimpico/>> Acesso em: março de 2014).

A educação física – que serve para trabalhar o esporte de forma pedagogizada, mas não somente ele e sim todos os elementos da cultura corporal – alinhada ao projeto político pedagógico da escola fica em segundo plano para a prática esportiva competitiva.

As possibilidades de prática do esporte são múltiplas: pode ser vivenciado como parte integrante da dimensão do lazer; como elemento do que chamamos de alto rendimento, voltado exclusivamente para o desempenho e, ainda, como parte de um espetáculo, tornando-se uma mercadoria a ser comercializada e consumida (Bracht, 1997).

Nessas três dimensões (lazer, alto rendimento e espetáculo), o esporte se relaciona com instituições sociais, tais como o Estado, diferentes federações e confederações, empresas privadas e públicas, a escola pública e a privada, entre outras. Aqui, nos interessa mais a relação que ele estabelece com a escola, seja por meio das aulas de educação física, ou por meio dos “projetos esportivos” que são implementados dentro ou fora dessas instituições sociais.

Alguns autores se debruçam sobre a relação ente o esporte de rendimento e o desporto educacional. Com finalidades diferentes, se estabeleceu uma dicotomia entre duas perspectivas que vem construindo o esporte nas instituições escolares: o *esporte na escola* e o *esporte da escola* (Caparroz, 2005; Vago, 1996).

A perspectiva do *esporte na escola* é a reprodução da prática conforme as regras da dimensão do alto rendimento e do esporte espetáculo. A função da expressão “a escola reproduz” se baseia na instituição esportiva que pretende revelar atletas, tornando as aulas de educação física um verdadeiro treino técnico de modalidades esportivas.

De acordo com a outra perspectiva, a do *esporte da escola*, o ensino do esporte deve ser tratado a partir do projeto político-pedagógico da escola, a partir das diferentes abordagens de ensino existentes na educação física, no sentido da compreensão de vários aspectos da formação do aluno, como os biológicos, sociais e culturais.

Nossa intenção não é limar a competição das aulas de educação física, mas problematizar a finalidade do objeto esportivo dentro da escola. Como afirma Betti:

[...] Introduzir o aluno no universo cultural das atividades físicas de modo a prepará-lo para delas usufruir durante toda a vida [...] Devem se ensinar o basquetebol, o voleibol (a dança a ginástica, o jogo ...) visando não apenas o aluno presente, mas o cidadão futuro, que vai partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física. Por isso, na educação física escolar, o esporte não deve restringir-se a um “fazer” mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas tornar-se um “compreender” um “incorporar” um “aprender” atitudes,

habilidades e conhecimentos, que levem o aluno a dominar os valores e padrões da cultura esportiva (1991, p. 58).

A citação anterior aponta os usos diversos do esporte, sua aprendizagem prática e, também, a possibilidade de “consumi-lo”, de maneira crítica. Ainda segundo o autor, o esporte sem competição é uma contradição, pois a melhora do desempenho na dimensão do alto rendimento e do espetáculo sempre esteve ligada à comparação ou defrontação. O que ele identifica como problema é a prioridade dada, na escola, à formação de atletas.

Castellani Filho propõe unidades programáticas que adotem:

(i) Um “aprender” desvinculado da busca do rendimento físico; (ii) aprender percebendo a técnica como conhecimento feito pelo homem; (iii) aprender regras como construções socioculturais modificáveis; (iv) aprender para além do ato motor, dentre outras (1999, p. 137).

A partir dessas reflexões, levantamos a seguinte questão: a formação de atletas deve ser uma tarefa da escola? Se pensarmos sobre as demandas da instituição escolar e o seu papel central, as aulas de educação física teriam como finalidade trabalhar aspectos dessa disciplina, ou abrir espaço para utilizar o esporte para fins de reprodução e descoberta de “talentos”? Haveria espaço para se utilizar as duas possibilidades? Quais seriam as implicações, nesse caso?

A partir dessas argumentações, podemos inferir que a escola incorpora a prática corporal de maneira que ocorre o predomínio do alto rendimento, do esporte espetáculo, ou seja, esporte na escola. A dificuldade de trabalhar o esporte em outra perspectiva dentro dessa instituição escolar fica evidente quando o objetivo do GEO é selecionar alunos para se tornarem atletas.

O esporte ensinado nas escolas apenas como reprodução do esporte de alto rendimento e espetáculo pode fomentar vivências de sucesso para poucos alunos e o fracasso para muitos, pois a maioria dos alunos não será esportista profissional, não vivenciará o esporte como prática corporal de lazer. Ainda que as vivências de insucesso para os jovens não se caracterizem como uma irresponsabilidade por parte de um profissional formado para ser professor, aponta uma necessidade de avançarmos na compreensão do papel do professor de educação física na escola. Sobre isso, Kunz afirma que:

Isso nos leva a acreditar que é imperativa uma atribuição mais profícua da didático-pedagógica da educação física em geral, mas também do esporte no contexto escolar. Ao mesmo tempo, nos faz refletir se haveria a possibilidade dessa transformação, isto é, o esporte separado do sentido da competição. Acreditamos que

sim, na medida em que, assim como a escola, o esporte não está desconectado da sociedade de forma mais geral (1994, p. 86).

O sentido que expressa a concepção da prática esportiva poderá ser apropriado de formas diferentes, porém damos especial atenção à estrutura social, política e econômica na qual essa prática está inserida.

Entendemos como muito significativo refutar a predominância do esporte na sua dimensão do alto rendimento dentro da escola; no entanto, não o negamos. Se pretendemos modificá-lo, é necessário tratá-lo pedagogicamente (Bracht, 1999). A democratização do acesso à prática deveria passar pelo redimensionamento para o esporte compreendido por outras formas, principalmente a do lazer, da apropriação do corpo, estabelecendo outros sentidos, até mesmo filosóficos, para a prática corporal. Segundo Bracht:

A dimensão que a cultura corporal ou de movimento assume na vida do cidadão atualmente é tão significativa que a escola é chamada não a reproduzi-la simplesmente, mas a permitir que o indivíduo se aproprie dela criticamente, para poder efetivamente exercer sua cidadania. Introduzir os indivíduos no universo da cultura corporal ou de movimento de forma crítica é tarefa da escola e especificamente da EF (1999, p. 83).

Colocado isso, a educação física, que vai ser responsável por essa educação através da cultura corporal na escola, tem o papel de não só reproduzir as características do esporte, mas também apontar como ele é naturalizado na sociedade atual. Há a possibilidade de produzir um espaço contra-hegemônico, no qual a discussão e a apropriação do esporte de outra maneira são possíveis.

É nesse sentido que Assis (2005) apresenta a possibilidade de reinvenção do esporte. Para ele, o esporte, tal como o conhecemos, é resultado da influência do sistema capitalista. De acordo com o autor, para que tenhamos o esporte pensando e praticado de forma a que supere o modelo atual,

é preciso que o professor de educação física empreenda ações conscientes, orientadas por um projeto político-pedagógico, articulador do conjunto dos saberes no interior da escola, que tem a atividade humana como mediadora na relação de apropriação do conhecimento e que atua desta forma, movido pela perspectiva de um projeto histórico que propõe a superação da sociedade capitalista (2005, p. 196).

Frente a tudo o que discutimos, podemos afirmar que as condições estruturais das escolas públicas para ministrar aulas de educação física, no nosso país, são um desafio, por

inúmeras questões, como falta de espaços cobertos⁹, materiais básicos como bolas, arcos e afins. Porém a maior dificuldade, nos parece estar relacionado a capacidade de refletir e pedagogizar o esporte para além da forma predominante do alto rendimento. Não se trata de substituir o movimento pela reflexão, mas, sim, fazer com que a prática oriente e seja orientada a partir da reflexão sobre essa prática.

CONCLUSÃO

Conforme mostra o mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil (2009), o esporte é a principal atividade para ampliação do tempo escolar. Essa ampliação precisa ser analisada com cuidado por dois motivos: (i) não basta colocar atividades para preenchimento do tempo escolar, essas atividades precisam ter um trato pedagógico, um objetivo educativo alinhado com o projeto político pedagógico da escola; (ii) não robustecer a escola com funções que extrapolam a sua esfera que a fazem perder o sentido educativo.

A criação do GEO foi recebida com euforia, pois o momento era de expansão das escolas de tempo integral. Porém, analisando o objetivo da criação dessas unidades, vemos que há um conflito de finalidades relativo ao papel da escola. Assumir a tarefa de formar atletas dentro da escola é atribuir a essa instituição, que já possui muitas fragilidades, responsabilidades que não são suas.

Como apontado ao longo do estudo, a aprovação desse projeto, que começou em 2010, se deu por decreto, ao menos quatro anos antes da realização dos megaeventos esportivos, tempo suficiente para que o mesmo pudesse ser debatido entre os profissionais de educação e sociedade civil. No entanto, sua realização por decreto notabiliza que o governo municipal não demonstrou interesse em uma participação democrática dos profissionais de educação.

Outra questão é a forma do ingresso dos alunos no GEO, ter habilidade e destreza no esporte não pode ser o instrumento de avaliação para o ingresso do aluno nessa escola. Dessa forma, o ingresso torna-se excludente, ferindo preceitos democráticos, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação e divergindo completamente do funcionamento de outras escolas da rede.

Dentro da área da educação física, os professores possuem (ou deveriam possuir) acúmulo suficiente para entender o papel do esporte dentro e fora do ambiente escolar. O esporte como elemento da educação física, como vimos, deve ser trabalhado minimizando sua

⁹ <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/seis-em-dez-escolas-publicas-do-brasil-nao-tem-quadras-para-atividade-fisica-19871349>. Acessado em agosto de 2016.

forma hegemônica, o alto rendimento que pode trazer consigo elementos, como: exclusão, chance aumentada de lesões, violência, *bullying*.

Entendemos que o conceito definido pelo programa, aluno-atleta-cidadão, busca fazer uma relação integradora entre o esporte, as leis e o aprendizado como se o indivíduo que desenvolve seus conhecimentos acadêmicos, esportivos e sociais, estivesse mais apto a compreender e defender “os ideais de uma sociedade mais justa e solidária”. O fato de a cidadania do aluno ser violada no processo inicial para ingressar no projeto já é motivo de questionamento sobre a justiça nesse processo. Os valores esportivos são produzidos no conjunto da sociedade, portanto, se queremos ensinar valores aos nossos alunos, devemos questionar quais valores são predominantes na nossa sociedade atual. Podemos afirmar que o esporte de alto rendimento não comunga com justiça e solidariedade.

Defendemos, portanto, que o esporte na escola seja ferramenta de expressão corporal, tratada de forma pedagógica, nas aulas de educação física, compreendendo o contexto histórico e social dos corpos na sociedade. Como aponta Assis (2005), trabalhar o esporte mantendo uma relação permanente de tensão, minimizando o alto rendimento e estimulando o esporte na perspectiva do lazer, pois, assim, o aluno tem a oportunidade de vivenciar o desporto com objetivo pedagógico e, conseqüentemente, compreender o papel do esporte em sua vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIAS

ALGEBAILLE, E. **Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos**. Rio de Janeiro : Lamparina, Faperj, 2009.

ASSIS, S. **Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica**.- 2º Ed.- Campinas, Sp: Autores Associados, 2005.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade: a Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus**. São Paulo: Editora Movimento, 1991.

BORIN, T. **O (des)legado dos megaeventos esportivos um estudo de caso sobre os impactos da realização da Copa do Mundo (FIFA) em Porto Alegre**. Dissertação de mestrado 2017 (UFRGS).

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: Ufes, 1997. 129 p. (Coleção Gnosis, 8).

_____. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 48, Agosto/99.

BRASIL. **Ministério de Educação e Cultura**. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação física** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997. 96p.

BRASIL. **Educação integral/educação integrada e(m) tempo integral: concepções e práticas na educação brasileira. Mapeamento das experiências de jornada escolar ampliada no Brasil**. MEC 2009.

BRASIL. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)**. Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas.

CAPARROZ, F. **Entre a educação física na escola e a educação física da escola: a educação física como componente curricular**. - 2º ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

CASTELLANI FILHO, L. **A Educação Física no Sistema Educacional Brasileiro: Percursos, paradoxos e perspectivas**. 1999 – Tese de doutoramento defendida no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

CAVALIERE, A. Tempo de escola e qualidade na educação pública. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1015-1035, 2007.

_____. A. Escolas de tempo integral versus alunos em tempo integral, **Revista Em Aberto**, Brasília, v. 22, n. 80, p. 51-64, abr. 2009.

CIDADE Olímpica. GEO e Cidade Olímpica: disponível em: <http://www.cidadeolimpica.com.br/projetos/ginasioexperimental-olimpico/>. Acesso em Março de 2014.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.

MELO, M. P. **Esporte e juventude pobre: políticas públicas de lazer na Vila Olímpica da Maré**. Campinas, Autores Associados, 2005.

KUNZ, E. **Transformação didático- pedagógica do esporte**. Ijuí, Unijuí. 1994.

Prefeitura do Rio de Janeiro. Decreto nº 32672 de 18 de agosto de 2010. **Criação do Programa Ginásio Carioca no âmbito da Secretaria Municipal de Educação e dá outras providências**. **Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, RJ, 19 de agosto de 2010.

_____, Decreto n.º 35261 de 19 de março de 2012. **Criação do Programa Ginásio Experimental Olímpico e Paraolímpico. Diário Oficial do Município do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, RJ, 19 mar. 2012.

_____. SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO, **Guia de Matrícula Ginásio Experimental Olímpico**. Rio de Janeiro, 2012.

VAGO, T. M. O “esporte na escola “e o “esporte da escola”: da negação radical para uma relação de tensão permanente. Movimento, Porto Alegre, Esef- UFRGS, n 5, pp4-17. 1996.